

Formação de professores na Educação Infantil,
de Marineide de Oliveira Gomes

São Paulo: Cortez, 2009

Ligia de Carvalho Abões Vercelli

Formação de professores na Educação Infantil, obra de Marineide de Oliveira Gomes, traz contribuições significativas a todos que se interessam por esse ciclo da educação básica, principalmente no que se refere ao entendimento da construção da identidade profissional de educadoras responsáveis por crianças pequenas.

O livro é fruto da pesquisa de doutorado da autora intitulada *As identidades de educadoras de crianças pequenas: um caminho do 'eu' ao 'nós'* apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 2003.

Lacunas encontradas durante a trajetória da autora em instituições de Educação Infantil e em coordenação de sistemas de governos municipais justificam a escolha do tema. Muitos questionamentos no que se refere às creches e pré-escolas consideradas, atualmente, como a primeira etapa da educação básica também instigaram Marineide a realizar este estudo. Entre eles, a preocupação em qualificar o perfil do profissional que atua ou irá atuar na Educação Infantil, que, segundo a autora, deve ser capaz de “[...] reconhecer sua (s) identidade (s) profissional (is) e a diversidade existente nesse campo [...] a fim de [...] fazer valer sua vez e sua voz e construir a autoria de seu processo formativo”. (p. 25).

Assim, o objetivo da obra é identificar os processos de construção de identidades profissionais de educadoras que atuam em creches e pré-escolas e de estagiárias de um curso de Pedagogia que, à época da pes-

quisa, habilitava para a docência na Educação Infantil, tendo o estágio e a pesquisa como eixos de articulação entre Formação Universitária e Formação Contínua.

Marineide inicia o livro com o capítulo “Uma aproximação com as identidades profissionais de educadoras”. Nele, a autora conceitua identidade profissional docente a fim de compreender as identidades profissionais de educadores de crianças pequenas, ressaltado os saberes envolvidos e o processo de socialização profissional.

Para fundamentar o conceito de identidade, recorre a autores de diferentes áreas do conhecimento, a saber: Souza Santos (1995), Berger e Luckmann (1976), Castells (1999), Woodward (2000), Freire (1997), Dubar (1997). Segundo ela, esses autores contribuem para a compreensão das identidades profissionais de educadoras à medida que concordam quanto à “[...] relevância das interações, negociações e reestruturações que ocorrem por meio da diferenciação e assimilação do outro e de si mesmo”. (p. 37).

Para se aproximar do conceito de identidade profissional docente, Marineide se apóia nos estudos de Carrolo (1997), Nóvoa (1992), Arroyo (2000), Tardif (2005), Josso (2002) e Pimenta (1997). Esses autores concebem a identidade profissional como processo, como construção permanente.

Também esclarece que, para entender como ocorre a construção da identidade de crianças pequenas trabalhou com narrativas de educadoras e de estagiárias, “[...] o que possibilitou apreender suas histórias de vida, ressaltando as suas experiências, as práticas profissionais e os contextos vividos [...]”. (p. 43). Além dos autores citados, as análises dessas trajetórias também foram fundamentadas nos estudos de Oliveira-Formosinho (1998b) e de Sarmento (2002).

Ainda, nesse capítulo, Gomes compara o Brasil com países da Europa, tais como França, Itália e Espanha no que se refere ao ingresso de alunos nos cursos de formação de professores. Ressalta que nos países citados são mui-

tas as exigências, fato que confere prestígio e valorização social aos cursos. Também apresenta estudos brasileiros a respeito de educadores de crianças pequenas. Entre eles estão os de Leite (1998), Angotti (1998), Dias (1997), Campos (1999a), Kramer (2005) e Silva (2008).

Termina abordando os saberes docentes e a socialização profissional. Aponta que estudos nacionais e internacionais sobre os saberes docentes expressam uma multiplicidade conceitual e metodológica com tendências e correntes variadas e antagônicas. Sobre esse tema traz contribuições de Geuthier (1998), Dias da Silva (1998), Chervel (1990), Tardif (2005), Canário (2006), Oliveira-Formosinho (2001) e Dubar (1997).

Baseada nessas pesquisas, Marineide (2009, p. 64) conclui que:

[...] o apoio a processos de trabalho coletivos e a reflexão permanente sob as teorias subjacentes às práticas, aliada à problematização destas últimas, contribuem para romper com algumas práticas cristalizadas e minimizar constrangimentos advindos do cotidiano de trabalho institucional.

Dá sequência com o capítulo “Formação contínua, estatuto da prática e estágio na formação de educadores”. Objetiva apresentar o estágio como um elo fundamental entre Formação Universitária e Formação Contínua, além do importante diálogo que deve existir entre instituição formadora de professores, em nível superior, e as escolas de educação básica, no caso Educação Infantil.

Busca identificar qual o papel das instituições universitárias na formação de docentes que irão atuar na Educação Infantil. Salienta que estágio é fundamental para que o futuro profissional possa se aproximar do seu campo de atuação visando estabelecer o elo entre teoria e prática.

A autora entende Formação Inicial como requisito básico para o exercício da docência e, no caso da Educação Infantil, deve ocorrer legalmente

em instituições de Ensino Superior, aceita a modalidade de nível médio. Para ela, Formação Universitária difere da Formação Inicial por dois motivos. Primeiro, porque entende que o aluno não está sendo iniciado quando começa a cursar a universidade uma vez que traz marcas da própria formação e, no decorrer da vida escolar, elabora sentidos do que é ser educador; e, segundo, porque encontramos na universidade alunos que já concluíram o curso de Magistério, que no caso, foi a Formação Inicial.

Marineide (2009, p. 68) também enfatiza a necessidade de Formação Contínua que, para ela “[...] organiza-se na forma de cursos esporádicos de curta duração, propostos, via de regra, por equipes técnicas e de gestão administrativa e que se apresentam, muitas vezes, desvinculados das necessidades reais de formação dos agentes educacionais atuantes na escola”. Por isso, buscar o elo entre Formação Universitária e Formação Contínua torna-se fundamental na formação de professores de crianças pequenas. Salienta que o saber fazer dos professores ocorre por meio da prática, no contato com as dificuldades do cotidiano.

No Capítulo III intitulado “A pesquisa/formação como possibilidade de desenvolvimento profissional”, apresenta o percurso realizado na Pesquisa/Formação que promoveu o desenvolvimento profissional de educadoras de crianças pequenas, a fim de registrar como ocorreu a produção das identidades profissionais. Para tanto, fez uso de entrevistas semiestruturadas e de relatos autobiográficos com grupos de mulheres entre 20 e 40 anos, com exceção de uma; todas residentes na região do ABCD. Marineide explica como organizou os três grupos (estagiárias, professoras de creche, professoras de pré-escola), quais os objetivos propostos e como procedeu para análise dos dados.

Constatou que as identidades de professoras de crianças pequenas se constroem por meio de “[...] fragilidades e conquistas, de intersecção entre as trajetórias de vida dos profissionais que atuam em creches e pré-escolas e os sistemas de emprego, trabalho e formação [...]” (p. 104). Com o novo es-

tatuto para a infância foi necessário adequar a formação desses profissionais com as diretrizes atuais que concebem a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica.

A formação da identidade dessas professoras tem de ultrapassar a visão voltada unicamente para o cuidar e o atentar, também, para o educar e o socializar, o que requer que, educadoras de crianças pequenas, sejam entendidas como profissionais. Para a autora, esses dados indicam a necessidade de Formação Universitária e Formação Contínua, sendo o estágio um dos momentos para que isso ocorra. Além disso, as professoras de creche e pré-escola precisam ter direitos legais assegurados.

Prossegue com o Capítulo “Sujeito, profissão e instituição: modos articulados de compreender as identidades profissionais de educadoras de crianças pequenas”. A partir do material coletado, a autora investiga a tríade sujeito, profissão e instituição como necessários para compreender as identidades profissionais de educadoras que atuam em creches e pré-escolas destacando a produção dos sujeitos e divulgando os sentidos e as significações expressos nessa produção. Para tal, Marineide se apoiou em diferentes autores, entre eles: Nóvoa (1992), Ferrarotti (1998) e a pesquisas realizadas por Scott (1990), Bueno (1996), Cerisara (2002), Carvalho (1999), Dubar (1997), Garcia (1992), Perrotti (1990), Rosemberg (1994), Perrenoud (1999), Sacristán (1999).

As histórias de vida analisadas apontam que ser mulher impulsiona à “escolha” de ser educadora de criança pequena como se fosse uma condição feminina e que está relacionada às transformações do mundo do trabalho, do papel de mulher e das confirmações de ocupações compreendidas e naturalizadas como profissões do universo feminino, portanto são as relações de gênero que definem a profissão de professora de Educação Infantil. Além disso, trata-se de uma profissão de nível médio que possibilita concluir a educação básica facilitando a inserção no mundo do trabalho e, conseqüentemente, uma renda familiar extra.

No capítulo “Produzindo a profissão e a organização institucional em creches e pré-escolas”, a autora apresenta alguns aspectos relacionados à produção da profissão e à organização institucional em creches e pré-escolas enfatizando o processo de socialização profissional e as “Necessidades Formativas” das educadoras. Para fundamentar este capítulo Marineide recorre aos estudos de Hargreaves (1999), Berger e Luckmann (1976), Vásquez (1977), Larrrosa (2002), Carrolo (1997) e Nóvoa (1992).

Conclui que a percepção da matriz que sustenta as identidades profissionais das educadoras é importante para que elas possam refletir sobre as possibilidades de socialização profissional em instituições de Educação Infantil. Além disso, para articular educação e os cuidados com as crianças é necessário que as educadoras sejam cuidadas e instruídas profissionalmente, isto é, ao receber apoio em suas necessidades farão o mesmo com as crianças pequenas.

O livro termina com o capítulo “Educação-cuidado (e socialização) de educadoras de crianças pequenas como possibilidade de formação”. Nele, Marineide apresenta uma possibilidade de formação que, além do cuidar e do educar, inclui o “socializar”, como atributo necessário não apenas para crianças pequenas, mas principalmente para programas de formação de educadoras que irão atuar com crianças de até 5/6 anos. A autora ressalta que a melhoria na qualidade de trabalho em instituições de Educação Infantil incide diretamente na qualidade de formação dos professores que irão atuar nesse nível de ensino.

Dessa forma, entre muitos dados apresentados Marineide afirma que os “[...] programas de formação devem considerar as reais necessidades formativas dos educadores, superando a visão de discrepâncias ou de marketing, na busca de um modelo que lhes faculte maior participação na tomada de decisões [...]” (p. 220). Deixa claro que o processo de aprendizagem também é de responsabilidade de cada professora, isto é, elas são as protagonistas desse processo.

Inicia e termina o capítulo com a seguinte frase de Adélia Prado: “Não quero faca, nem queijo. Quero a fome”. Isto significa que cuidar, educar e socializar educadoras de crianças pequenas pressupõe olhá-las de outra forma a tal ponto que façam emergir a diversidade de suas identidades, que sejam personagens de suas histórias e que se responsabilizem por elas.

